

# A NARRATIVA RIZOMÁTICA DESMATERIALIZANDO O GRANDE SERTÃO: VEREDAS

## THE NARRATIVE RIZOMATIC DEMATERIALIZING THE GRANDE SERTÃO: VEREDAS

### **Wilton Azevedo**

Professor doutor e pesquisador do programa de pós-graduação *strito sensu* de Educação, Arte e História da Cultura e da Comunicação e colaborador no programa de Letras na Universidade Presbiteriana Mackenzie.

*E-mail:* wiazeved@terra.com.br

### **Dalva Lobo**

Mestre em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e professora de Leitura e Produção de texto – Literatura Brasileira – na Universidade Metropolitana de Santos.

*E-mail:* dalvalobo@yahoo.com.br

## **RESUMO**

A narrativa hipermídia, por seu caráter não-linear, permite que a relação entre código e registro se desvincule da estrutura sintática normativa, promovendo a desmaterialização da escrita e, por conseguinte, a ruptura com a instituição da linguagem mediante o código impresso. O texto aborda a desmaterialização rizomática do gênero e propõe um novo avatar que rompe o limite entre o real e o virtual no campo da intermedialidade signica proposta em *Grande sertão: veredas*.

**Palavras-chave:** Literatura; Semiótica; Hipermídia; Análise do discurso; Narrativa.

## **ABSTRACT**

The relation between code and register can be “disconnected” from the normative syntactic due to the fact that the hypermedia narrative is no linear. Such “split” ends up promoting the dematerialization of the writing and, as a result, breaking the institution of the language as a print code. In *Grande sertão: veredas*, all this process takes place in the relation established with the genre. When it faces the

hypermedia ambience, the dematerialization brings a new “avatar” for which there cannot be limits anymore, since it’s somewhere between the real and the virtual.

**Keywords:** Literature; Semiotic; Hypermedia; Analyzes of the speech; Narrative.

## 1. INTRODUÇÃO

A literatura como processo do imaginário narrativo e sua elo-quência é mais *conhecimento* que *ciência*, e dessa forma a lingüística acaba por cumprir esse estado científico com o aprofundamento da análise do código verbal e sua sintaxe e seu desenvolvimento dos estudos semióticos. O que observamos é que nem os matemáticos estudam mais a matemática pela articulação do seu código apenas, não há mais estudos científicos em pleno século XXI, do código pelo código.

A semiótica vem trazendo há muito tempo a idéia de signo e suas relações deterministas e indeterministas, rizomáticas e inacabadas de subsistência da linguagem em seus níveis de compreensão e normas. O conhecimento adquirido por meio de um código vai sempre estar à disposição do avanço tecnológico, necessitando de uma mudança cultural de nossa memória em razão da memória tecnológica, e contar cada vez mais com a desmaterialização da linguagem. Isso se faz cada vez mais claro em áreas como biologia, matemática, física, geografia, engenharia genética e assim por diante, mas ainda é muito evitado pela área das letras.

A narrativa hipermídia estabelece mais que uma relação entre os códigos e seus registros. Nota-se que as justaposições de palavras e frases passam a ser desvinculadas de uma estrutura sintática tradicional. Esse sacrifício de inteligibilidade que se nota por este fazer poético, *a priori*, é apenas um índice dessa articulação de linguagem, e sua leitura pode ser feita de acordo com a capacidade de memorização das seqüências e seu aspecto de não-interinidade.

Os meios digitais estão autorizando cada vez mais essa poética, o que, na leitura tradicional feita mediante a leitura do texto impresso, acontece de maneira hipotática.

A interdependência mútua e a responsabilidade compartilhada entre leitor e poeta–poesia, escritor–prosa e a exploração desse novo processo nada têm a ver com o sistema antes impresso para uma comparação analítica.

Nesse mesmo sentido já histórico, o conceito de desmaterialização segue um novo rumo no tocante à memória, como já mencionamos. O que compreendíamos como modo de transmissão do saber e do conhecimento começa a sofrer mudanças nas atividades intelectuais de interpretação.

O fato de a escrita se desmaterializar e sua multiplicidade ter como limite um *moto perpetum* em sua escritura fazem com que a sua aquisição poé-

tica não esteja mais a serviço de manifestos, grupos de poetas e artistas, e sim na expansão que essa linguagem passa a ocupar em sua rede, tendo a máquina como coeficiente da escritura expandida, sem horário estipulado, sem instituição para sua credibilidade, e sem que os vencedores tenham seus textos como tábula rasa; é outra forma de expressão que dispensa o conceito equivocado de alteridade; é uma escritura que vai em sentido contrário da aglutinação para sua visibilidade; é um sistema semiótico que traz para o que chamamos até então de abstração, só que, ao se expandir no ambiente da hipermídia, não tem mais a necessidade de distinguir *o fazer* e *o abstrair*; essa distinção passa a ser a mesma coisa e, nesse sentido,

São componentes abstratos de qualquer articulação. [...] Um estrato apresenta, evidentemente, formas e substâncias muito diversas, códigos e meios variados. Portanto, possui a um só tempo tipos de organização formal e modos de desenvolvimento substancial diferentes [...]. Os estratos têm grande mobilidade. Um estrato é sempre capaz de servir de *substrato* a outro, ou de percutir um outro, independentemente de uma ordem evolutiva. [...] A estratificação é como a criação do mundo a partir do caos, uma criação contínua, renovada, e os estratos constituem o Juízo de Deus. O Artista clássico é como Deus, ao organizar as formas e as substâncias, os códigos e os meios, e os ritmos, ele cria o mundo (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 216-217).

O conceito de interprosa, como vemos em *Grande sertão: veredas*, traz para a poética a questão ligada ao gênero. No ambiente da hipermídia, esse conceito encontra a ambiência ideal para uma prática intelectual, mas agora esse produto não se faz da eloquência finita de nossa fala ou de argumentos de retórica, e sim de um metadiscurso, ou melhor, um interdiscurso que dispensa a cultura da impressão:

São doze ou treze séculos à frente de uma nova técnica, que o livro no ocidente encontra a forma que perdurará na cultura do documento impresso (CHARTIER apud DUCARD, 2004, p. 124).

Sem dúvida, toda a cultura virtual ligada ao significado que uma palavra traz, desde Saussure, para quem a palavra sempre carregou consigo uma condição de significado aberto na formação de novos produtos de linguagem e, por que não dizer, de novas poéticas, torna-se imperativa com a numeração algorítmica do texto, mantendo a palavra como um avatar que se apresenta de maneira ilimitada, como escreve Ducard (2004, p. 124), citando Paul Valéry: “Uma máquina para ler”.

Esses verdadeiros avatares criam um campo intermediário entre o real e o virtual, campo este que passa a ter como função um lugar para reformulação

dos conceitos de narrativa, retórica e poética, já que esses ambientes propiciam verdadeiros labirintos rizomáticos em forma de escritura/*software* em trânsito de linguagens<sup>1</sup>.

Todo exercício de linguagem associada ao conceito de hipermídia, dentro desse aspecto, começa a proporcionar um sistema aberto de comunicação — emissor e receptor — sem limite definido, passando a configurar uma nova noção de espaço em que não se reconhece nem o princípio nem o fim desse sistema,

como esquema conceitual, é plurissignificativo e acaba por oferecer múltiplas ocorrências, múltiplos acessos e leitura, de maneira que é possível reconhecer uma certa analogia entre o modelo hipertextual desenvolvido pela informática e o polissemantismo tão reclamado pelo campo da literatura (VOUILLAMOZ apud AZEVEDO, 2003, p. 74).

## 2. NAVEGANDO NAS VEREDAS

A constituição da linguagem envolve diversas ramificações que formam uma rede cuja trama tece uma grande peça, a comunicação. A esse fenômeno de articulação Deleuze e Guattari (1995, p. 11-12) chamam agenciamentos de enunciação:

Num livro, como em qualquer coisa, há linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação. As velocidades comparadas de escoamento, conforme estas linhas, acarretam fenômenos de retardamento relativo, de viscosidade ou, ao contrário, de precipitação e de ruptura. Tudo isto, as linhas e as velocidades mensuráveis, constitui um *agenciamento*.

Em seus estudos acerca do fenômeno que sedia a rede comunicacional, os filósofos apontam que um agenciamento não fala das coisas em termos de sua representação, e sim de um estado de coisas, sendo ele próprio, o agenciamento, um promovedor de potencialidades e de mudanças.

Por não seguirem hierarquias, esses rizomas articulam-se aleatoriamente, podendo desmontar um sistema fechado, e cada unidade dessa rede comunicacional se constitui independentemente de um ponto de origem.

1 Jacques Maritain criou um termo para poder explicar certas considerações matemáticas desses *softwares* (QUÉAU, 1995, p. 39) — *preter real*, do latim *praeter*, ao lado de —, é uma espécie de *realidade* ao lado de outra *realidade*, mas com vantagens cognitivas e lúdicas, e também com novas ameaças.

Essa autonomia leva ao processo rizomático, permitindo que haja a multiplicidade e a quebra das determinações binárias.

Na literatura, o processo rizomático confere a condição de devir, ou seja, do vir a ser. A proposta da multiplicidade trata justamente de romper com a imposição da relação binária e com a retórica da literatura tradicional, e, por conseguinte, instaura a polifonia como condição de efetivação de vozes independentes que podem se combinar sem dano de se tornarem homofônicas.

No caso de *Grande sertão: veredas*, a narrativa é rizomatizada e está representada no sertão, um mapa aberto, de linhas irregulares que se estendem a qualquer direção aleatoriamente, levando a um processo que independe de um ponto específico de origem e que não possui conclusão, e sim uma abertura a outras variáveis comunicativas que, por sua vez, geram diversas outras leituras prováveis: “Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador [...] o sertão está em toda parte [...]” (ROSA, 2001, p. 24).

Não se trata do sistema arbóreo, visto que este se contempla pela condição binária, de onde uma raiz gera duas, e depois quatro e assim por diante. No rizoma, uma partícula de raiz se multiplica em muitas outras, de forma aleatória e totalmente independente.

Um método de tipo rizoma é obrigado a analisar a linguagem efetuando um descentramento sobre outras dimensões e outros registros. Uma língua não se fecha sobre si mesma senão em função de impotência. [...] Princípio de multiplicidade: é somente quanto o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade, que ele não tem mais nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo. Uma multiplicidade não tem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas [...] Um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza, à medida que ela aumenta suas conexões (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 16-17).

Em outras palavras: os agenciamentos de enunciação, com seus princípios de territorialização e desmaterialização, apontam para duas vertentes: a primeira entendida como o agenciamento, ou seja, o próprio evento que potencializa seu trânsito no espaço narrativo; a segunda, a rizomatização expandindo as relações em uma obra aberta.

A desterritorialização se dá na troca dos gêneros não apenas no que é falado, como também na recepção dessa fala, tornando o espaço em que se dão essas vozes a personificação de um signo em trânsito.

O que nos parece inteligível nessa relação é aonde o signo transita; desvinculado de uma sintaxe normativa, o código nesse momento passa a ser o significado que se dá nessa intersecção de mão rizomática, e dessa forma amplia-se ao mesmo tempo que se desmaterializa em um instante fixo, ou melhor, em uma escrita fixa (ZUMTHOR, 2005).

Seguindo tal ponto de vista, deixaremos de ter enunciado e enunciação. O que observaremos é a potencialidade de falas mutantes dando ao campo da virtualidade um agente transformador que ultrapassa o limite do espaço e do tempo na folha de papel: “Eu olho as palavras, vejo as palavras, e o que vejo organiza-se de acordo com um código ou sistema que aprendi e que compartilho com meus outros leitores do meu tempo e lugar [...]” (MANGUEL, 1997, p. 51).

Nesse sentido, o fazer literário em *Grande sertão: veredas* é a condição de um espaço aberto que só existe diante da rizomatização proposta pelo liso (espaço aberto) e pelo estriado (espaço marcado pela nova fala/linguagem que se impõe na interprosa).

Para finalizar, chamamos a atenção do leitor para o fato de que nem sempre o código para a leitura está contido apenas no instante verbal: “Ler, então, não é um processo automático de capturar um texto como um papel fotossensível captura a luz, mas um processo de reconstrução desconcertante, labiríntico, comum e, contudo, pessoal. [...]” (MANGUEL, 1997, p. 54).

Assim, se sabemos que a leitura é um processo cognitivo de ler e ver e ouvirmos com nossas mentes, podemos dizer então que muitos escritores com certeza são bons ouvintes.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Wilton. Migração virtual: uma escritura em trânsito. In: PEREIRA, Helena Bonito Couto; ATIK, Maria Luiza Guarnieri (Org.). *Língua, literatura e cultura em diálogo*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2003.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v. 1.
- \_\_\_\_\_. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1997. v. 5
- DUCARD, Dominique. De mémoire d’hypertext. In: ROELEN, Nathalie; JENNERET, Yves (Org.). *L’imagineire de L’ecran/Screen imaginary*. Amsterdam: Edition Rodopi B. V., 2004.
- MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

QUÉAU, Philippe. *Lo Virtual Virtudes y Vértigos*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1995.

ZUMTHOR, Paul. *Escritura e nomadismo: entrevistas e ensaios*. Tradução Jerusa Pires Ferreira e Sônia Queiróz. Cotia, SP: Atelier Editorial, 2005.